

ANA BEATRIZ BRANDÃO

A
garota
dos
olhos
esmeralda

1ª edição

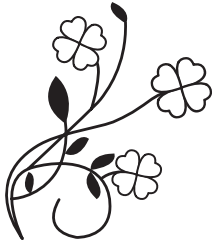
Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

É bom lembrar que, contra o preconceito, a intolerância, a mentira, a
tristeza, já existe vacina: é o afeto. É o amor.

— PAULO GUSTAVO



Verde-esmeralda

“TREVO (TU)” — ANAVITÓRIA

Verde. Como um mar de águas cristalinas, daqueles que a gente só vê nas fotos de praias paradisíacas. Com águas tão convidativas que somos incapazes de resistir ao desejo de mergulhar, e nem pensamos no perigo que pode haver em toda aquela imensidão.

Verde-esmeralda.

Essa era a cor dos olhos dela.

Eu me sentia hipnotizada por eles. Como poderia não estar? Tão lindos e cheios de *vida*. Um toque de cor no meio de todo aquele branco e cinza que nos rodeava.

— Lena? — alguém chamou, colocando a mão em meu ombro. — Lena, está escutando?

Pisquei algumas vezes, fazendo o que podia para sair daquele transe tão magnético quanto um buraco negro e voltando a atenção para a pessoa ao meu lado.

— Você está encarando *demais* — alertou meu colega de classe, Henrique, com um sorriso malicioso, segurando um enorme copo de café. — Vai acabar assustando a garota.

Franzi o cenho, tentando fingir que não sabia do que ele falava, e segurei o olhar só mais um instante na dona dos olhos verdes, sentada a alguns metros de mim, com um livro gigante nas mãos, lendo com tanta atenção que não parecia sequer ter consciência do mundo que a rodeava. Nunca perceberia que eu a observava, tão entretida que eu duvidava um pouco de que sua mente ainda permanecia ali, e não presa às páginas daquele livro.

Tinha o cabelo castanho-escuro preso num rabo de cavalo que não dava conta dos fios, deixando algumas mechas caírem por cima da nuca e do pescoço. A franja, bagunçada e desgrenhada, com toda a certeza precisando de um pente, estava jogada para os lados, dividida no meio da testa, deixando o rosto bem exposto.

— Eu só estava tentando ver o nome do livro que ela está lendo — menti descaradamente, forçando um sorriso.

— Jura? E qual é? — ele retrucou, com um jeito travesso.

Abri a boca para responder, tendo certeza de que saberia a resposta. Mas, quando a única coisa que me veio à cabeça foi uma imagem embaçada de tudo o que não fosse *ela*, eu soube que não tinha ideia do que dizer.

— Tá, e qual é a cor do livro, então?

— La... ranja? — respondi, sem muita convicção, sentindo o estômago embrulhar. Ele ia mesmo conseguir me deixar constrangida, né?

— Se com “la... ranja” você quer dizer “azul”, então sim. É “la... ranja”.

Revirei os olhos, murmurando alguns xingamentos, o que o fez dar um enorme sorriso. Eu o conhecia, e era óbvio que ainda não tinha terminado. Henrique tinha uma pontinha de crueldade e gosto para o constrangimento alheio que eu conhecia muito bem.

— E qual é a cor dos olhos dela? — perguntou, finalmente, ainda mais feliz.

— Esme... não tenho ideia!

Boa, Helena! Muito boa mesmo! É exatamente assim que alguém se mostra indiferente a uma pessoa, pensei, suspirando, enquanto ele caía na gargalhada, chamando a atenção de todos ao redor, menos a dela. *“Esme... não tenho ideia”? Por que você nunca para pra pensar antes de abrir essa sua boca grande, hein?!*

— O que você viu nessa garota? — perguntou. — Ela é tão comum!

— Você já prestou atenção naqueles olhos? — murmurei. — Dá pra ver as estrelas dentro deles.

— Dá pra ver o quê?! Por Deus, Helena! Seu comentário tá com cara de privação de sono, isso sim!

Balancei a cabeça, ainda olhando para ela. Ele não entenderia. Não conhecia minha família, minha história, meu irmão.

Daniel.

Era ele que eu via naqueles olhos. Não pela cor, mas pelo olhar. Eu reconheceria aquele jeito de encarar as coisas a quilômetros. Conhecia aquilo como a palma da minha mão.

A curiosidade, o interesse, o encantamento, até o jeito como piscava os olhos levemente arregalados, muito concentrada no que via... caramba, eu sentia falta dele. Tanta falta...

Ela olhou para mim de repente, como se tivesse sentido que eu a encarava. Disfarcei quase como um reflexo. Por um instante apenas, é claro, já que voltei

a olhar logo em seguida, verificando se ela não havia desconfiado do meu interesse, e é óbvio que eu estava certa.

A garota tinha me pegado no flagra. Dava para ver em sua expressão constrangida. As bochechas haviam corado um pouco, e ela abaixara a cabeça ainda mais, quase se escondendo atrás do livro. Até mesmo os ombros tinham se encolhido um pouco.

Suspirei, frustrada, agora analisando minhas unhas roídas. Droga. Eu realmente não sabia ser discreta. Será que tinha como aquilo terminar de um jeito ainda mais desastroso? Claro! Era só olhar para o Henrique, que quase não fazia esforço para segurar a risada.

— A culpa é sua! — murmurei. — Você falou alto demais e ela deve ter escutado.

— Ah, sim! A culpa é minha — retrucou. — Não que você não a estivesse secando há minutos, parecendo uma psicopata. Uma hora ela ia perceber!

Eu queria poder discordar, jogando o peso de todo aquele constrangimento em cima dos ombros dele, mas sabia que Henrique estava certo. Na arte da observação, eu tinha tanto talento quanto um abacate.

— Helena? — chamou uma mulher, colocando a cabeça para fora da porta que havia acabado de se abrir atrás de Henrique. — Helena Oliveira Lobos?

Me levantei apressadamente, feliz por alguém aparecer para me tirar do buraco profundo de vergonha extrema. Henrique riu mais uma vez, sabendo ler direitinho meus gestos e minha expressão, e fez o possível para ignorá-lo.

— É a sua vez.

Agradei, seguindo-a para dentro da sala, já dobrando uma das mangas do jaleco.

Eu cursava o quarto ano da faculdade de medicina e não via a hora de começar a especialização em neurologia, mas ainda faltava pouco mais de um ano para poder iniciar a residência. Enquanto esse sonho não se realizava, doutora Regina, mãe da Melissa, tinha me apresentado à diretora do hospital, uma das melhores neurocirurgiãs do país, e conseguido uma oportunidade de trabalho voluntário como uma espécie de “assistente” de diretoria duas vezes por semana. O trabalho se resumia basicamente a pegar café e, de vez em quando, implantar algumas ações sociais dentro do hospital. A ideia da vez era tirar um tempinho nos turnos longos dos médicos para “obrigá-los” a fazer uma bateria de exames de rotina.

Nada mais justo que as pessoas que cuidam da saúde dos outros darem um pouco de atenção à própria. Os profissionais passavam tanto tempo naquele

hospital preocupados com os pacientes que esqueciam de si mesmos, então dei a ideia de nos organizarmos em turnos para ajudar a realizar aqueles exames. E, é claro, era uma boa chance de fazer os nossos próprios. Depois que a esclerose lateral amiotrófica tirou de mim o meu pai e o meu irmão, nada mais justo que ficar um pouco mais atenta com a saúde. No meu caso, era a hora de coletar um pouco de sangue para ver como iam as coisas.

Não levou muito tempo, só o suficiente para que o idiota do Henrique levantasse a bunda daquela cadeira e se sentasse ao lado da tal garota dos olhos esmeralda. Ela continuava com o livro nas mãos, escondida atrás dele, enquanto Henrique puxava papo, gesticulando exageradamente e ostentando o sorriso charmoso que sempre lançava para qualquer menina que não fosse eu.

— Que... cretino! — murmurei, indignada, não acreditando no que via.

Não fazia muito tempo que eu o conhecia, já que ele tinha se transferido para a minha faculdade havia menos de um ano, mesmo assim pensei que fôssemos amigos, afinal fui eu que o avisei de que estavam precisando de um auxiliar na administração — graças a isso ele agora tinha um emprego que o ajudava a pagar a faculdade. E agora lá estava ele, dando em cima da garota pela qual *sabia* que eu tinha me interessado. Ingrato.

Senti o rosto queimar. Isso era para eu perceber o quanto podia ser ingênua, confiando em qualquer um que eu visse pela frente sem nem conhecer direito a pessoa.

Nem todos eram como Daniel, e eu precisava me convencer disso, por mais difícil que fosse.

Desde que ele morrera, há quase seis anos, tinha se tornado quase um hábito procurar qualquer coisa que me fizesse lembrar dele, tanto nas pessoas quanto nas coisas. Não era difícil: All Stars, olhos azuis como o céu, música, pintura e, é claro, cachecóis vermelhos. Várias coisas comuns no dia a dia, mas que, juntas, simbolizavam quase tudo o que meu irmão era para quem o conhecia bem.

Quantas músicas eu tinha escutado e imaginado ele tocando em seu violão surrado? Quantas pinturas fiquei encarando por longos minutos em silêncio, me perguntando o que ele acharia delas? Meu Deus, quantas vezes sentei na cama, no escuro do meu quarto, encarando um canto vazio, enquanto tentava lembrar como era sua voz quando cantava nossa música, “Por enquanto”?

Eu não me lembrava mais. Havia esquecido como era a voz dele, o sorriso, o jeito como dançava com nossa cozinheira quase todas as manhãs, rodando

com ela pela cozinha como se estivessem em um desenho... Mas dos olhos não tinha como me esquecer. Eu os via três meses por ano, desde que partira, no rostinho iluminado de seu filho com Melissa. Aquelas bolas azuis gentis, alegres e *extremamente* expressivas.

Dei as costas para os dois, seguindo a direção contrária no corredor, apressando o passo enquanto me perguntava se já deveria trocar minhas coisas de armário para não ter nem que passar perto daquele filho da mãe do Henrique, quando o escutei chamar meu nome, logo atrás de mim.

Não parei de andar, ignorando os olhares de todos que haviam se voltado para nós. Ele falava tão alto, e era tão dramático, que ficou impossível não chamar a atenção. Se não estivesse na minha sala, eu poderia jurar que Henrique havia se formado, na verdade, em artes cênicas.

— Ei, aonde você pensa que está indo? — perguntou, me pegando pela manga do casaco, quase me fazendo parar à força. — Fugiu da agulha, foi? Tem medo de sangue?

— Haha, muito engraçado — murmurei, impaciente. — Por que não volta pra onde estava e continua sua conversa?

Ele deu um sorriso cheio de malícia. Passou a mão no cabelo curto e negro, tentando parecer charmoso, se movendo como se fosse a paródia de algum supermodelo da internet. Levantou e abaixou uma sobranceira várias vezes, tentando me fazer rir, e questionou:

— Está com ciúme, Heleninha?

Me mantive quieta, não sabendo se ficava irritada ou se saía dali depressa, não querendo lidar com aquelas brincadeiras sem graça, já que ele claramente havia feito uma grande merda.

— Qual é? Não precisa ficar emburrada. Eu tenho uma coisa pra você — continuou, quando viu que eu não daria nem um sorriso, estendendo para mim o que parecia ser um post-it verde-limão.

Peguei aquele papel de um jeito um pouco mais grosseiro do que pretendia, tentando identificar o que estava escrito no centro dele. Era apenas um conjunto aleatório de números grafados com caneta azul, com um traço no meio. Não levei muito tempo para perceber que era um número de telefone. Havia também uma flor mal desenhada logo ao lado, e um nome entre parênteses embaixo: Bia.

— Que legal, ela te deu o telefone.

— Não... Ela *te deu* o telefone.

Meu queixo caiu, enquanto eu passava o olhar quase comicamente entre Henrique e aquele objeto verde em meus dedos. Podia sentir a frase: "... Isso é pra mim?" escalando minha garganta e se arrastando pela boca querendo sair.

Olhei para trás, por cima dos ombros, na direção da menina dos olhos esmeralda, sentada na mesma cadeira, com o mesmo livro nas mãos, e meu coração chegou a descompassar um pouco ao notar que ela me observava. Estávamos a uma distância considerável, mas ainda assim eu podia ver um lindo e discreto sorriso em seus lábios.

Enquanto isso, eu continuava com o queixo caído, olhando para ela como uma idiota. Por que para mim? Por que eu? Por Deus, o que eu diria para ela?

Bem, não importa. Agora a garota dos olhos cor de sorte tinha um nome, e eu não precisaria mais passar longos minutos apenas tentando imaginá-lo.

Ela deu uma leve risada enquanto me olhava, com certeza achando graça por perceber que eu não conseguia reagir e nem mesmo mudar minha expressão, antes de voltar a ler seu livro.

— O que você disse pra ela? — perguntei, finalmente voltando minha atenção a Henrique mais uma vez.

— Nada. Fui até lá descobrir o nome dela, e a primeira coisa que me perguntou foi se eu era seu amigo — ele respondeu, com um sorriso, dando um leve soquinho no meu ombro.

Não pude deixar de sorrir também, baixando a cabeça para analisar os números mais uma vez, o que só serviu para aumentar meu sorriso. Mordi o lábio inferior, tentando conter um pouco a excitação, que teimava em transparecer por todo o meu rosto corado. Mas é claro que foi impossível.

Aquele pedacinho de papel verde havia acabado de mudar o meu dia por completo, e eu não poderia ficar mais feliz. Pensar na ideia de que a menina havia reparado na minha existência já fazia meu coração acelerar. A garota dos olhos esmeralda havia acabado de tomar posse do meu coração.

Ver os números escritos numa letra trêmula me fez sentir borboletas em festa no estômago. Não esperava que ela fosse olhar para mim, mas agora era real. Ela sabia o meu nome e quem eu era, e havia acabado de decidir me dar uma chance.



Adeus

"TOO SAD TO CRY" — SASHA SLOAN

Mais uma vez eu chegava em casa. Já tinha virado um tipo de ritual. Jogar as chaves em cima da mesa, tirar os sapatos, tirar o casaco, acender as luzes, trancar a porta e... suspirar. De vez em quando, dependendo do dia, tinha até direito a olhos marejados, ou a um aperto no coração. Mas esses haviam ficado menos frequentes desde que tinha saído da casa da minha mãe, há dois anos.

Eu tinha dezesseis anos quando meu irmão, Daniel, morreu por um erro médico causado na hora do atendimento inicial no acidente de carro que ele havia sofrido. Seu já frágil sistema respiratório, comprometido pela esclerose lateral amiotrófica, teve um agravamento, o que o levou ao coma e à morte aos vinte e três anos. A ELA havia me tirado meu pai menos de um ano antes, e perder Daniel assim foi como se tivessem destruído meu mundo de uma hora para outra. Eles eram a minha luz. Meu porto seguro. Principalmente meu irmão. Éramos tão próximos que eu às vezes me perguntava se não éramos gêmeos, apesar dos cinco anos que nos separavam. Eu só... tinha chegado atrasada. O que não seria nem um pouco surpreendente.

Depois disso, minha mãe e eu ficamos isoladas em nossa casa enorme. Eu e ela. Ela e eu. Nosso relacionamento nunca foi fácil, e era meu pai e Daniel que apagavam as faíscas que surgiam entre as duas. Depois que eles se foram, não sobrou ninguém para fazer esse trabalho e ficou insuportável viver naquele lugar. Melissa, minha cunhada, namorada do meu irmão (e Deus ajude qualquer um que a chame de "ex", mesmo depois da morte dele), até tentava ajudar de vez em quando, mas eu não colocaria esse peso nos ombros dela. Ainda mais depois de descobrir que ela carregava dentro de si a única parte viva de Daniel que havia restado. Meu sobrinho, que recebeu o nome do pai.

Fazia cinco anos que ele havia chegado a este mundo, uma lembrança cheia de alegria da passagem do meu irmão por esta Terra. Por muito tempo ele foi uma das únicas coisas que conseguiam me fazer sorrir. Ainda mais no longo período turbulento que se passou enquanto eu ainda morava com Dona Marcia.

Nunca tive problemas em me assumir para ela, ou para minha família. Com meu irmão me apoiando, contei para os meus pais aos quatorze anos que gostava de garotas. Não foi nada fácil. Meu pai era pastor de uma igreja evangélica antes de a esclerose lateral amiotrófica assumir o controle do seu corpo. Minha mãe também fazia parte da igreja, e era muito mais conservadora que ele, chegando até a ser intolerante em algumas questões que meu pai compreendia, e claro que não fez a menor questão de tentar me entender. Ela me via como “um castigo de Deus”. Eu havia trazido a doença para minha casa. A maldição. Eu e minhas “escolhas ruins”.

Eu quase teria acreditado nessas palavras se não fosse pelo meu irmão. Mesmo assim, não era fácil. Ainda mais quando a rejeição vinha da pessoa que havia me colocado no mundo. E as coisas pioraram quando, depois da morte de Daniel e do meu pai, eu e ela éramos as únicas pessoas que restaram dentro daquela casa.

Ela nunca chegou a dizer em voz alta, mas eu tinha certeza que preferia que eu tivesse morrido em vez de Daniel. Ele era o talentoso. Estava se formando na faculdade de música, fazia trabalho voluntário em um hospital, era alto, bonito, engraçado e tinha um coração maior que o de qualquer um que eu conhecesse. Já eu... era a “adolescente rebelde e anormal”, aos olhos da minha mãe.

De qualquer forma, tentei fazer as coisas funcionarem. Tentei ser melhor. Tentei ser *ele*. Mas é claro que não bastou para ela. Dona Marcia era durona. Fechada. Fria. Eu não a culpava. Depois de perder as pessoas que você mais ama no mundo, e depois de anos cuidando de um marido com uma doença tão devastadora, é claro que você cria uma casca ao redor dos seus sentimentos para tentar se proteger de tudo que possa causar dor. Por isso, quando completei vinte anos cheguei à conclusão de que seria melhor seguir meu próprio caminho.

Aluguei um apartamentinho em São Paulo, perto da faculdade, e decidi tentar me refazer. Me recriar. Mas acho que eu era nova demais para isso. Ou talvez fosse cedo demais para mim. Minha cunhada deixou o país com o filho pouco depois do nascimento dele; foi atrás do sonho de se formar em balé na Juilliard, em Nova York. Sonho do qual havia desistido para passar os últimos meses do meu irmão ao lado dele. Eu não tinha dúvida nenhuma de que conseguiria. Ela se formou, e fazia pouco tempo que havia voltado ao Brasil.

E, nesse meio-tempo... eu fiquei. Não havia ninguém na minha família que me aceitasse, meus amigos do ensino médio foram desaparecendo aos poucos depois que me formei, e, com o passar dos meses, tudo que restou foi focar cem por cento nos estudos.

Eu visitava minha mãe de vez em quando, e cada vez mais as visitas se espaçavam. Se dependesse dela, acho que a única coisa que nos ligaria seriam seus depósitos caindo na minha conta no fim de cada mês. Nossa relação havia se tornado uma mera questão financeira. Talvez como uma forma de tentar cortar esse laço e nos aproximar de verdade, arrumei um emprego num bar para ganhar meu próprio dinheiro. Era mais um bico do que um trabalho fixo. Uma ou duas vezes por semana eu cantava, no gênero banquinho e violão, em troca de uma merreca no fim da noite.

Mesmo ganhando pouco, eu gostava. A música me aproximava de Daniel, de certa forma. E talvez assim Marcia sentisse orgulho de mim. Isso traria uma lembrança do meu irmão que a faria criar certa afeição por mim, certo? Errado. Ele cantava na igreja. Em eventos beneficentes. Para a faculdade, da qual ela era reitora. E eu... eu cantava num bar, para pessoas que mal olhavam para mim e que, no fim da noite, provavelmente estavam com a cabeça tão cheia de álcool que nem percebiam a música de fundo. Que dirá ao vivo. Pelo menos era assim que ela considerava. Uma vergonha. Mais uma. A única coisa que ela aprovava na minha vida era o curso de medicina. Se alguém perguntasse de mim, talvez essa fosse a única coisa que mencionasse sobre a minha vida. E, no fim, ainda era por causa do meu irmão.

“Ela estuda medicina. Vai ser neurologista. Quer tentar descobrir a cura da ELA, a doença que levou meu filho e meu marido.” Depois, o assunto acabaria fluindo para a vida de um dos dois.

Isso nos traz à última parte do meu ritual diário. Checar a caixa postal. De vez em quando havia alguma mensagem. Na maior parte do tempo era alguma cobrança, ou alguém que tinha ligado para o número errado. Mas às vezes era uma mensagem dela. Curta e grossa, como sempre. Direto ao objetivo. Ela preferia falar com o vazio da mensagem não atendida a ter que lidar com minhas respostas. Mas ainda fazia um esforço, por educação. Perguntava como eu estava, sem muita vontade de saber a resposta, e me dizia uma ou duas coisas aleatórias.

Havia uma semana, eu tinha adicionado mais um hábito à minha rotina.

No espelho perto da entrada da porta, pendurado na parede logo acima do móvel no qual eu costumava deixar minhas chaves, havia um post-it verde-limão grudado. Eu já tinha encarado aquilo por tanto tempo que não precisava nem olhar mais para saber o número escrito ali. Será que algum dia eu iria ligar? Quem sabe quando eu reunisse coragem, quando tivesse estabilidade emocional, e quem sabe quando tivesse uma mãe. Agora eu não me sentia pronta para esse tipo de coisa. Como iria receber alguém na bagunça que era minha vida? Meu apartamento? Por vezes eu mal tinha coragem de colocar a roupa no cesto para lavar.

Deixei o olhar passar do post-it para meu reflexo no espelho, com as mãos apoiadas no móvel das chaves. Meu cabelo loiro, longo e cacheado estava um pouco bagunçado demais, e eu tinha olheiras embaixo dos olhos azuis. Olhos do meu irmão. Será que eu parecia tão cansada durante o dia quanto parecia agora? Ombros caídos, sobrelhas por fazer, lábios secos, e uma mancha de ketchup na camiseta. Eu já fora melhor. Há muito tempo.

Continuei guiando o olhar para baixo, para o móvel no qual estava apoiada, e deixei uma das mãos deslizar até uma das gavetas. Mais um passo do meu ritual diário. Logo a abri, esperando um segundo antes de finalmente olhar dentro dela, encontrando algumas caixas pequenas, mas poderosas. Cores vermelhas, azuis, brancas... eram os remédios que eu havia passado a tomar quando o peso de tudo se tornou grande demais para suportar.

Tinha procurado uma psicóloga, buscando ajuda para suportar a dor terrível que me atingiu quando meu irmão partiu. Para não me deixar sucumbir no abismo imenso e escuro que se abriu embaixo dos meus pés. Mas em pouco tempo a terapia deixou de ser suficiente. Precisei de mais ajuda. Precisei de uma mão mais forte para me puxar e tentar acender a chama da vontade de viver que se apagara dentro de mim. Para me ajudar a controlar a ansiedade e as crises de pânico diárias, e também para me ajudar a dormir. Ahhh, dormir. Havia quanto tempo eu não dormia bem? Na teoria, eu deveria pegar um remédio de cada, mas... ultimamente eu havia passado a ignorar aquela parte da gaveta. De vez em quando pegava as caixas na mão, mas... não chegava a tomar nenhuma pílula.

Se eu dormisse, tinha pesadelos dos quais não conseguia acordar. Fazia um tempo que eu tinha reparado. E esse foi o primeiro empurrão para que eu me deixasse esquecer as pílulas dia sim, dia não. Dia sim, dia sim, dia não. Dia sim, dia sim, dia sim... até não tomar mais.

Suspirei mais uma vez, dando um passo para trás e entrando de vez em meu apartamento, tão apertado quanto uma caixa de fósforo. Pequeno e bagunçado. Mas eu gostava. Era aconchegante. Havia escolhido sozinha, mesmo que minha família tivesse dinheiro suficiente para pagar por algo bem maior. Nunca fui do tipo que se imagina numa mansão. E, se um dia algo acontecesse, queria morar num lugar do qual eu pudesse tomar conta. No caso, um apartamento de quarto e sala era tudo de que eu conseguia cuidar no momento. Já tinha tentado ter plantas. Duas, na verdade. E ambas morreram. Então, a prioridade era não colocar fogo no apartamento enquanto tentava fritar um ovo. Se conseguisse isso, já estava de bom tamanho.

Quase como um zumbi, caminhei até o quarto, me deixando cair desajeitadamente no colchão a fim de encarar o teto. Nem me dei ao trabalho de acender mais alguma luz. O reflexo das luzes dos carros passando do lado de fora, desenhando linhas dançantes no gesso branco acima da minha cabeça, era o bastante para distrair minha mente.

Fazia quanto tempo que eu não dormia mais do que três ou quatro horas? Durante o dia conseguia focar nos estudos, mas à noite, sozinha, a mente vagava descontrolada por todos os momentos da minha nova realidade. Quando era vencida pelo cansaço e conseguia dormir, mergulhava em outro tipo de mundo, um mundo sombrio que eu odiava visitar.

Minha única distração nos últimos meses era o barulho do casal que morava no apartamento de cima. Era quase irresistível acompanhar a rotina deles. Brigavam na maior parte do tempo. Gritos abafados pelo chão entre nós. Batiam portas e andavam de um lado para o outro com os pés tão pesados quanto um deslizamento de pedras. E, no resto do tempo, havia música. Ele tocava violão de madrugada, e, se eu abrisse a janela, podia sentir o cheiro de cigarro que vinha do quarto do casal. De vez em quando o cara cantava, e, apesar de não ser muito bom, eu quase podia fechar os olhos e imaginar que era o meu irmão cantando. Era a coisa que Daniel mais fazia quando estava em casa. Violão nas mãos e a voz alta e orgulhosa. Era quase... familiar.

O que eu não faria para ouvi-lo cantando novamente.

Estava quase fechando os olhos, deixando o sono me levar antes mesmo que tivesse a chance de tirar a calça jeans, quando senti o celular vibrar no bolso. Olhei no relógio na mesa de cabeceira ao lado da cama. Uma da manhã.

Não fiz muitas perguntas sobre quem poderia ser. Quando a maioria dos colegas que você tem faz parte da vida noturna da cidade, não é incomum

receber uma ligação a essa hora. De uma coisa eu tinha certeza: eles dormiam tanto quanto eu.

— Alô...? — falei, assim que aceitei a chamada e coloquei o celular contra o lado do rosto, tentando disfarçar a voz de sono.

De primeira, não tive resposta, e precisei afastar o celular mais uma vez para olhar a tela a fim de confirmar quem estava ligando. Marcia. Minha mãe?

— Alô? Mãe...? — perguntei, trazendo o aparelho para perto mais uma vez. Confusa com a ligação dela tão tarde da noite.

Por que me ligaria a uma hora dessas? Ela não era nem um pouco do tipo que fica acordada o suficiente para ver o relógio passando das dez horas da noite.

Mais uma vez tive o silêncio como resposta por alguns segundos, e estava prestes a desligar e mandar uma mensagem dizendo que não conseguia ouvi-la quando ouvi um soluço baixinho do outro lado da linha. E, logo depois, um som mais característico de choro ficou mais claro. Choro de mulher. Era ela.

— Mãe? O que foi?? O que aconteceu? — perguntei, em tom de urgência, sentindo um aperto de preocupação no coração, não tendo ideia do que esperar. Ela vivia sozinha naquela casa enorme, cheia de lembranças. Mas não era seu costume me ligar para chorar nossas perdas.

— *Ele...* — murmurou ela, do outro lado da linha. — *Ele... ele morreu, Helena. Ele se foi...* — disse então, em meio às lágrimas.

Num piscar de olhos, foi como se eu fosse puxada para uma das minhas piores lembranças. A cama... o teto do quarto... o sono me levando depois de uma tarde preguiçosa em casa... Daniel numa cama de hospital há quilômetros de mim...

— Quem, mãe? Quem se foi? — perguntei, sentindo as lágrimas começarem a encher meus olhos com aquelas lembranças, e uma dor latejante subindo na garganta enquanto engolia o choro.

— *O meu filho...* — respondeu ela, com a voz tão baixa quanto um sussurro.

E foi quando um grito de desespero começou a subir pela minha garganta, como ocorrera no dia em que ele se foi. Mas o que saiu pela minha boca não foi minha voz. Foi o som do despertador.

Dei um salto na cama, me sentando no colchão enquanto me deparava com a luz do nascer do sol iluminando o quarto. Meu coração batia a mil, e era como se alguém tivesse sugado todo o ar dos meus pulmões. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e os dedos pareciam ter passado a noite dentro do freezer.

Eu ainda vestia a mesma roupa da noite anterior, mas não segurava o celular. Nem sequer parecia ter tocado no relógio para ver a hora.

— Merda... — murmurei, esticando o braço para desligar o despertador, que quase me ensurdecia, enquanto meu cérebro tentava se convencer de que havia sido um pesadelo. Mais um.

Era sempre assim. Eu sempre sonhava com isso. Com o dia em que minha mãe me ligou do hospital para dar a notícia. Eu estava sozinha em casa, deitada na cama como uma idiota enquanto meu irmão precisava de mim. E eu não estava lá para ajudá-lo, ou para dizer adeus.

No início foi desesperador. Acordar de manhã e descobrir que o pior momento da minha vida havia se repetido em meus sonhos só para me atormentar mais uma vez. Mas depois passei a voltar a mim cada vez mais rápido de manhã. O aperto no peito continuava, as lágrimas se mantinham firmes e fortes nas beiradas dos olhos, mas eu logo me convencia de que aquilo não era real. Não hoje. Não ontem. Fazia cinco anos.

E foi com esse aperto e essas lágrimas que levantei da cama, quase cambaleando pelas poucas horas de sono, para ir tomar um banho frio e, mais uma vez, começar o meu longo e incessante dia, como eram todos os outros.